The background features a cityscape at sunset, with buildings silhouetted against a vibrant orange and red sky. A central photograph shows an interior space, possibly a hallway or a room, with warm lighting and architectural details like a brick wall and a modern table.

ETNOGRAFIAS DO CONFINAMENTO

vol. 06 num. 14

foto *crono* grafias

EDIÇÃO
ESPECIAL

ACESSE EM
[MEDIUM.COM/FOTOCRONOGRAFIAS](https://medium.com/fotocronografias)

2020
E-ISSN 2595-3559

PRODUÇÃO
BIEV E NAVISUAL

Editoras

Ana Luiza Carvalho da Rocha, UFRGS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Cornelia Eckert, UFRGS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Comissão Editorial

Camila Braz, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — caamilabraaz@gmail.com
Fabricio Barreto, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — fabriciobarreto@gmail.com
Felipe da Silva Rodrigues, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — felipe.editoracao@gmail.com
Guillermo Gómez, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — guillermorosagomez@gmail.com
Joanna Sevaio, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — jmsevaio@gmail.com
José Luis Abalos Junior, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — abalosjunior@gmail.com
Leonardo Palhano Cabreira, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — leo.csociais@outlook.com
Manoela Laitano Chaves, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — manoelalaitano@gmail.com
Marcelo Fraga, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — mrsfraga@gmail.com
Matheus Cervo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — cervomatheus@gmail.com
Thiago Batista Rocha, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — thiago.batista@ufrgs.br

Conselho Editorial

Angela de Souza Torresan, University of Manchester, Inglaterra
Carlos Masotta, UBA, Argentina
Carmen Sílvia de Moraes Rial, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Christine Louveau de la Guigneraye, Centre Pierre Neville, Université d'Évry-Val-d'Essonne, Maître de conférences en communication, França
Daniel Daza Prado, IDES, Argentina
Daniel S Fernandes, UFPA, Universidade Federal do Pará—Campus Bragança
Fernando de Tacca, Unicamp, Brasil
Flávio Leonel da Silveira, Universidade Federal do Pará, Brasil
Gisela Canepá Koch, Departamento de Ciencias Sociales de la Pontificia Universidad Católica del Perú, Perú
Jesus Marmanillo, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
João Braga de Mendonça, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Luciano Magnus de Araújo, Universidade Federal do Amapá, Brasil
Luiz Eduardo Achutti, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Milton Guran, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Paula Guerra, Universidade do Porto, Portugal
Renato Athias, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
Rumi Kubo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Sarah Pink Instituto Real de Tecnologia de Melbourne, Austrália
Sylvaine Conord, Université Nanterre, França

www.ufrgs.br/biev/
medium.com/fotocronografias
fotocronografia@gmail.com
+55 (51) 3308 6647

Organização

Claudia Ribeiro - Doutora e pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PPGDR/UFRGS), Brasil
Cornelia Eckert - Professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFRGS), Brasil
Fabricio Barreto - Doutorando no Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas (PPGPP/UFRGS), Brasil
Felipe da Silva Rodrigues - Pesquisador Voluntário Biev UFRGS, Brasil

Fotos da Capa e Contracapa

Kelly Koide, Débora Wobeto e Filipe Seefeldt de César

Diagramação e Editoração

Fabricio Barreto - Doutorando no Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas (PPGPP/UFRGS), Brasil
Felipe da Silva Rodrigues - Pesquisador Voluntário Biev UFRGS, Brasil

EDIÇÃO ESPECIAL

foto *crono* grafias

ETNOGRAFIAS DO CONFINAMENTO



Cotidiano e quarentena numa morada rural: ciclos, fraturas e distensões temporais

Resumo: Este ensaio resulta da busca de registro e compreensão de dimensões da experiência individual e coletiva de travessia de um tempo liminar que se apresenta a nós diante do quadro de pandemia de COVID-19. Fruto de um conjunto de oficinas realizadas junto à equipe do Navisual/UFRGS, busca estetizar e refletir, a partir da produção fotográfica e textual, sobre feições locais do período de quarentena e isolamento social em nossa morada rural no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, especialmente quanto a ritmos temporais, ciclos naturais e arranjos cotidianos.

Palavras-chave: ritmos temporais; ciclos naturais; cotidiano; Litoral Norte Gaúcho; morada rural.

La vida cotidiana y la cuarentena en una casa rural: ciclos, fracturas y tensiones temporales

Resumen: Este ensayo resulta de la búsqueda de registro y comprensión de las dimensiones de la experiencia individual y colectiva de atravesar un tiempo preliminar que se nos presenta ante la pandemia de COVID-19. Fruto de una serie de talleres realizados con el equipo de Navisual / UFRGS, busca estetizar y reflexionar, a partir de la producción fotográfica y textual, sobre las características locales del período de cuarentena y aislamiento social en nuestra casa rural en el litoral norte de Rio Grande do Sul, especialmente en lo que respecta a ritmos temporales, ciclos naturales y arreglos diarios.

Palabras-clave: ritmos temporales; ciclos naturales; diario; Cuarentena; dirección rural.

Daily life and quarantine in a rural residence: cycles, fractures and temporal distensions

Abstract: This essay results from a seek for register and comprehend certain dimensions of the individual and collective experience of going through these liminal period that is presented to us by the COVID-19 pandemics. Deriving from a set of workshops realized by the Navisual/UFRGS team, the work is focused on thinking, through the production of photographic and literary images, about the local configurations of this period of quarantine and social distancing in our rural residence in the north coast of Rio Grande do Sul/Brazil, specially in what concerns to temporal rhythms, natural cycles and daily life arrangements.

Keywords: temporal rhythms; natural cycles; daily life; north coast of Rio Grande do Sul/Brazil; rural residence.

Émile Durkheim, já no início do séc. XX, afirma que construímos representações coletivas, algumas delas tão elementares que estruturam o que chama de Ossatura da Inteligência — aí incluídas noções de espaço, a partir da forma como socialmente organizamos nossas relações no território, e de tempo, a partir sobretudo dos ritmos de vida coletiva (Durkheim, 1989). Pretendo pensar a complexidade da situação que vivemos diante da pandemia de COVID-19 a partir dessas noções de tempo e espaço buscando estetizá-las através de imagens. No caso, debruço-me sobre os arranjos específicos de nossas vidas em uma morada rural em uma cidade pequena do Litoral Norte Gaúcho, estendo o olhar sobre tempo, cotidiano, ciclos naturais e ritmos de vida — em termos de trabalho, lazer, descanso, atividades físicas, cuidado com os filhos, entre outros.

Criaturas de imagens que somos — a imagem como matéria de que somos feitos (Manguel, 2001, p. 23) –, me proponho a pensar este período de ruptura drástica em nossos ritmos de vida a partir da produção fotográfica, acompanhada de uma escrita também tecida de imagens literárias, optando por uma forma que se aproxima do que se convencionou chamar de miniconto. No período de liminaridade que vivemos (Turner, 1974), ficam mais evidentes os limites entre casa e rua, entre público e privado. Enfatizando um sistema tríplice de atividades ou usos do espaço, Arno Vogel (1981) afirma haver um “sistema de espaços” (casa, rua, quintal, praça, etc.), atrelado a um “sistema de valores” (público x privado, seguro x inseguro, visível x invisível); estes dois sistemas estão em relação direta com um “sistema de atividades”, resultado das atividades cotidianas que tais espaços abrigam.

Espaços, valores, atividades.

No espaço público de nossas cidades impõem-se novos dispositivos e técnicas — em termos de culturas corporificadas, como nos preconiza o paradigma da corporeidade (Csordas, 2008): etiqueta respiratória, hábitos de higiene, uso de máscaras, etc. E, sobretudo, de distanciamento social: é difícil para uma cultura calorosa como a nossa, de toque e contato, passar a não chegar perto de ninguém — sobretudo de nossos amigos –, neste tempo em que o afeto, o toque, a proximidade corporal se tornam perigosos, em termos da dimensão do que é uma distância social “segura”,

como aponta Mary Douglas, em seu clássico Pureza e Perigo (1992). A pandemia e o isolamento social têm afetado sobretudo as nossas sociabilidades, especialmente nos espaços públicos ou semi-privados. Como nos ensina Georg Simmel (1974), as formas de interação e contato entre pessoas — onde se inserem certas noções de proximidade e afastamento, distância social, etc. — constroem um espaço social específico.

De outro lado, como se rearranjam as relações familiares de proximidade, contato, organização das rotinas em nossos espaços privados — no domínio da casa?

Para quem está em isolamento, estamos no período de recolhimento à casa. O tempo do repouso, do “aconchego do lar” passa a agregar, modificado, o tempo da produção, das reuniões, do trabalho remoto. Se rearranjam as relações entre a casa e a rua, a partir da clássica análise de Roberto Damatta (1997). As ruas estão vazias — ou deveriam estar. Mas o tempo da rua — a escola, as reuniões de trabalho, as rodas de conversa, as práticas esportivas — invade o tempo e o espaço domésticos.

Em termos de um trabalho de memória, a partir da proposta de uma etnografia da duração Rocha e Eckert (2005), nos amparamos nos ensinamentos de Gaston Bachelard, para quem memória significa a contínua construção de tempo ao redor dos acontecimentos, de modo que tempos marcantes permanecem profundamente gravados em nossas memórias. Afirma Bachelard que “os acontecimentos excepcionais devem encontrar ressonância em nós para nos marcar profundamente” (1988, p. 9). Ao redor destes acontecimentos excepcionais formam-se os núcleos temporais, que ancoram-se uns aos outros através de ligações afetivas que nada têm de óbvias ou lineares.

Este exercício é meta-reflexivo. Estamos atravessando um tempo liminar. De incertezas. Este ensaio é um produto de uma série de oficinas fotográficas/textuais realizadas junto à equipe do Núcleo de Antropologia Visual da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A partir destas provocações coletivas, busquei reunir imagens produzidas nos primeiros momentos de quarentena, com uso de câmera de telefone celular, bem como fotografias

posteriormente produzidas com câmera DSLR e lentes diversas. Reúnem-se aqui tais imagens compondo uma narrativa que resulta do exercício reflexivo de registrar e compreender dimensões desta experiência única de atravessar um tempo de desordenamento e reordenamento dos fluxos aos quais estamos habituados — um exercício forçado de estranhamento? — mas que nos permite um olhar para os ciclos do tempo que constituem, de forma ampla, nossas experiências no mundo. Do curso da vida transcorrendo, a despeito de tudo mais.

Estamos no fluxo do tempo, construindo nossas biografias. Nas paisagens da memória, este tempo certamente vai ficar gravado — e, para nós, este exercício é um de seus produtos. Talvez não nos recordemos de acontecimentos específicos. Talvez alguns, já que eles não param de acontecer em ritmo frenético. Mas este tempo deve durar como uma fase, um período de um ritmo de vida individual e coletiva muito diferente, em termos de vida organizada — ou desorganizada — no tempo e no espaço.

Em um momento em que se intensificam a explosão da produção/profusão/consumo/transfiguração/memorização das imagens — partes, cantos, detalhes, rastros — este exercício resulta de um pensar, através de imagens, o espaço da casa, do campo, do tempo, das rotinas, das continuidades e rupturas em meio aos ciclos da natureza, a partir dos caminhos e das escolhas que nos conduziram a enfrentar este ciclo nestas condições.

Referência

- BACHELARD, Gaston. *A Dialética da Duração*. São Paulo: Ática, 1988.
- CSORDAS, Thomas. *Corpo/significado/cura*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.
- DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 6.ed.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.
- MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da e ECKERT, Cornelia. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- SIMMEL, Geog. *A Metrópole e a Vida Mental*. In VELHO, Otávio Guilherme. *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973. p. 11–25.
- TURNER, Victor. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis, Vozes, 1974
- VOGEL, Arno (coord.). *Quando A Rua Vira Casa: a Apropriação dos Espaços em um Centro de Bairro*. Convênio IBAM/FINEP: Rio de Janeiro, 1981. 2 ed. rev.





Quarentena.

Nuvens de fumaça, areia e talvez gafanhotos sobre o mar de um vírus que rompeu rotinas, estendendo-se sobre um longo dissídio ideológico.

Tempo de recolhimento.

Pelas janelas de nossas telas, contemplávamos atônitos a nossa própria serenidade diante do mundo em polvorosa.



No início era só amargura e ansiedade da falta, o avanço da ameaça invisível travestida em corpos e números.

Nos recolhemos e aquietamos.



Vivemos o tempo a passar, percebendo.

Passamos os dias aprendendo.

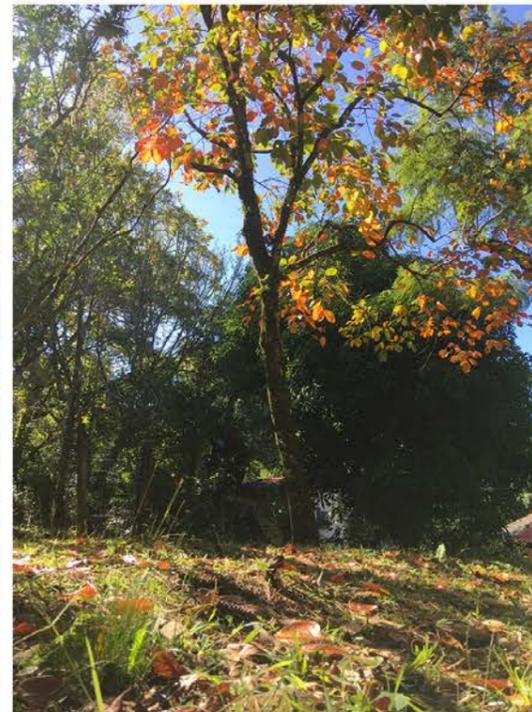
Fizemos pães.

Fizemos doces das frutas que colhemos do pomar.

Arrumamos a casa.

Plantamos uma horta.

Plantamos árvores no quintal convalescido pela secura do verão e depois assolado por assustadores vendavais e frias chuvas no outono.













Trabalhamos, estudamos e fizemos muitas reuniões virtuais.

Reencontramos amigos que nem sabíamos que queríamos tanto. Não imaginávamos a bruta falta que fazemos a nós mesmos.

Dançamos e lutamos.

Cuidamos de nós e fizemo-nos mudança plena num mundo que jamais fora o mesmo.

